

NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE VESTIÁRIOS E A EROTIZAÇÃO DE ESPAÇOS ESPORTIVOS

ETHNOGRAPHIC NOTES ON CLOTHING AND THE EROTICIZING OF SPORT SPACES

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v17n1p61-75

Resumo

Este artigo traz considerações antropológicas sobre a erotização de espaços com foco principal em vestiários esportivos de competições internacionais LGBT (jogos de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneras/os), investigados a partir de uma etnografia multissituada. No caso desta pesquisa, os vestiários são locais em que o segredo da sexualidade (notadamente heteronormativa) estabelece-se como oficial e coloca os desejos homoeróticos numa esfera de “anormalidade”; portanto, tais lugares serão discutidos antropológicamente como elementos-chave nas constituições subjetivas dos atletas interlocutores da pesquisa. O artigo, assim, divide-se em três partes: na primeira procura distanciamentos/aproximações entre banheiros e vestiários (masculinos) como locais em que as *práticas do olhar* são interditas, e prioriza-se o espaço do vestiário no sentido de compreender as lógicas do estabelecimento de códigos sexuais e de gênero; em seguida, adentra ao universo dos vestiários esportivos masculinos, trazendo dados etnográficos a serem considerados e entretecendo certa interpretação; e, ao final, postula notas finais especulando sobre a relação entre olhar pornográfico e o voyeurismo erótico, estabelecidos em tais espaços comuns.

Palavras-chave: Vestiários Esportivos. Erotização de Espaços. Competições LGBT. Etnografia Multissituada.

Abstract

This article brings anthropological considerations about the eroticizing of sport spaces with a primary focus in sport locker rooms of international LGBT competitions (gay, lesbian, bisexual, and transgender games), investigated from a multi-sited ethnography. Particularly in this research, locker rooms are places where the secret of sexuality – namely heteronormative – is taken as official, and relegates the homoerotic desire to a sphere of ‘abnormality’. Thereby, such places will be discussed anthropologically as key-areas in the subjective constitutions of the interviewees (athletes). The article, therefore, is divided into three sections. Firstly, it seeks distinctions/similarities between toilets and locker rooms for men as places of symbolic gazes, and as locals that create sexual and gender codes. Secondly, it enters the universe of male sport locker rooms, bringing ethnographic data to be considered and interpreted. Finally, it brings endnotes speculating the relationship between pornographic gaze and erotic voyeurism established in such public spaces.

Keywords: Locker Rooms. LGBT Sports. The eroticizing of spaces. Multi-sited ethnography.

Wagner Xavier Camargo

Pesquisador Jr. pós-doutorando FAPESP, lotado no depto de Antropologia Social da UFSCar, São Carlos/SP.

E-mail: wxcamargo@gmail.com.

Introdução

*Parei estático quando percebi que me observava.
Ele com seu pinto na mão, a acariciá-lo. Eu,
tentando me esconder com a minúscula toalha
que naquele dia levava. Olhares se despistavam.
Estava no vestiário masculino.
Como podia alguém desejar corpos ali se o que
estava em questão era só tomar uma ducha?!*

Vestiários esportivos são tidos como lugares comuns: transitórios, de pouca ou nenhuma sociabilidade, aparentemente não importantes. Porém, podem, a meu ver, serem tomados como enigmáticos à semelhança da confusão trazida pelo trecho acima. São, de fato, espaços contingentes, por assim dizer, onde o vestir/despistar andam juntos, inseparáveis, quase simultâneos: fica-se nu entre a chegada ao recinto e a preparação para o que virá, vestindo o corpo com roupas apropriadas para a prática esportiva; desnuda-se novamente ao término dessa e o corpo tem um tempo para livrar-se do suor, dos odores, do excesso, do tabu. Nu e vestido seriam, portanto, estágios que deixam o corpo à mostra, parcial ou totalmente. Reticentes, olhares esgueiram-se, perdem-se: nas linhas dos corpos, nas intenções não ditas.

Este artigo² tratará de questões relativas ao universo dos vestiários esportivos no cenário de uma etnografia multissituada, realizada em três eventos esportivos internacionais LGBT (de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros/as)³. Neles observei e acompanhei atletas em suas rotinas de competição no futebol, no tênis de mesa, no atletismo e na natação. Particularmente, interessa-me aqui trazer minhas notas etnográficas sobre vestiários

1 Futebolista amador brasileiro, colaborador da pesquisa, que aparecerá adiante. (Entrevista agosto/2010).

2 A primeira versão deste texto foi apresentada no GT Esporte e Sociedade, na 36ª ANPOCS (Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais), ocorrida em outubro de 2012, em Águas de Lindóia. Agradeço Leda Maria da Costa, Arlei Sander Damo, Luiz Henrique Toledo, cujos comentários ajudaram a melhorar aquela versão.

3 A pesquisa vigorou de fev/2008 a fev/2012 e desenvolveu uma etnografia multi-sited, nos termos clássicos de George Marcus (1995), onde o antropólogo circula por vários lugares e estabelece a conexão entre esses, resgatando os significados das práticas sociais dos sujeitos e estruturando o argumento etnográfico. Os eventos etnografados ao longo da investigação foram competições esportivas LGBT (de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros/as): os II World Outgames, em 2009, Copenhague (Dinamarca); os VIII Gay Games, em 2010, Colônia (Alemanha); e os II North American Outgames, em 2011, Vancouver (Canadá).

de tais torneios por me oferecerem instigantes desafios reflexivos.

“Vestiário” é um termo que aparece numa específica literatura internacional como *locker room* (PRONGER, 1990; ANDERSON, 2005; ENG, 2006 e 2008), *changing room* (PLUMMER, 1999), ou ainda *culture of the closet* (GRIFFIN, 1998). O que levarei em conta será algo singular: atentar-me-ei para as relações sexuais que ocorreram entre atletas, em tais espaços. Esta problemática reveste-se de particular interesse por dois motivos fundamentais: a) quando se nota que temas como sexualidade humana, erotização das práticas sociais e sexualização de espaços são esquecidos e relegados às sombras nos Estudos Culturais e Esportivos; e b) mediante as competições de alto nível que ocorreram/ocorrerão no Brasil (Copa do Mundo de Futebol em 2014 e Jogos Olímpicos do Rio em 2016), serão focalizadas por pesquisadoras/es, sobremaneira, práticas sociais e esportivas “heteronormativas” — sendo deixadas de lado as “homonormativas” e “dissonantes” (ou não convencionais).⁴

Este artigo está dividido, portanto, em três partes básicas que se inter-relacionam e se complementam. Num primeiro momento, exploro as aproximações entre espaços de banheiros e vestiários (masculinos) como locais em que as *práticas do olhar* são interditas, bem como os repenso na chave interpretativa do estabelecimento de códigos sexuais e/ou de gênero. Logo em seguida adentro ao universo dos vestiários esportivos masculinos investigados por mim em torneios esportivos internacionais, trazendo dados etnográficos a serem considerados. E, por fim, entretreço notas finais especulando a relação entre olhar pornográfico e o voyeurismo erótico, estabelecidos nos espaços comuns dos *locker rooms*.

4 Ao dizer “heteronormativas”, refiro-me às demandas, expectativas e restrições sociais no tocante à heterossexualidade numa sociedade, como definidos por Michael Warner (1991). Ou ainda, como diria Judith Butler (2003, p. 215), ao que concerne uma matriz heterossexual, ou a “grade de inteligibilidade cultural por meio da qual corpos, gêneros e desejos são naturalizados”. As práticas “homonormativas” seriam seu complemento e contraponto, estabelecendo-se no domínio do dissonante.

Usando o banheiro para pensar o vestiário: relações

Banheiros e vestiários são espaços edificados com caráter e propósitos distintos, ao menos, aparentemente. Enquanto os primeiros circunscrevem ações relativas às necessidades fisiológicas, os segundos abrangem, em geral, a higienização dos corpos. As temporalidades de permanência são também diferentes: passa-se rapidamente pelos banheiros (principalmente em espaços públicos) e fica-se mais tempo nos vestiários. Se o espaço do banheiro é individual (mesmo porque não se partilha o mesmo vaso sanitário), o do vestiário é, indubitavelmente, coletivo.

Porém, tais espaços apresentam traços comuns, se bem observados – e é isso que me interessa aqui: são locais discriminatórios de gênero (nesses locais aprendemos a “ser homem” e a “ser mulher”); envolvem uma atmosfera de segredo, onde o que se diz (ou se faz) não transpassa portas ou paredes; são lugares de dejetos múltiplos, que escorrem, vazam e se espalham anônimos e invisíveis; caracterizam-se como represas contentoras da intimidade, que quando partilhada, apenas o é velada e momentaneamente, num lapso de segundos ou minutos.

Em recente publicação traduzida ao português, Lee Edelman (2011) comenta o caso de um banheiro masculino, onde acima dos urinóis foram retiradas janelas e instalados televisores com o propósito de ‘entreter’ o olhar masculino enquanto se cumpriria a função fisiológica do urinar. Para o autor, entretanto, tal instalação reflete aquilo que quer ocultar, ou seja,

[...] que o banheiro dos homens é um espaço estranho, onde o olhar da ordem simbólica vê os corpos masculinos dentro do significado social, estabelecendo, desse modo, o banheiro dos homens como um ponto nodal, um marco zero, na compactação cultural da masculinidade numa lógica de relações visuais (EDELMAN, 2011: 262).

O olhar, impedido neste caso de procurar rotas de fuga (como janelas), volta-se a si mesmo, num processo de interioridade, e o olho é, simultaneamente, proibido pela arquitetura do espaço de se dirigir ao que o urinol (reformado) insiste em invisibilizar. Desse modo, para Edelman, o banheiro masculino (e os urinóis) constitui(em)-se no lugar do “olhar simbólico”, de um espaço que monitora o circuito das relações visuais,

interpelando a própria visão do sujeito – Fernando Franco (2011) chamará tal fenômeno de “práticas do olhar”. O banheiro masculino, dessa forma, transforma-se numa arena privilegiada da anuência do corpo com a regulação cultural do desejo, estabelecendo-se como lugar crítico para entendimento da formação das subjetividades masculinas.

Esse espaço do banheiro masculino já fora pensado antes de um ponto de vista historiográfico, a partir da reestruturação urbana realizada em Paris por arquitetos e urbanistas, na metade do século XIX. Andrew Ross (2009) resgata a construção de urinóis no centro da capital francesa, naquela época como medida administrativa do Estado e, ao mesmo tempo, como disciplina do corpo (pensando-se numa perspectiva foucaultiana). No entanto, os engenheiros franceses responsáveis pela reforma jamais poderiam imaginar que as mudanças modernistas cidadinas causariam alterações no modo como os espaços seriam apreendidos pelos parisienses, que transformaram os urinóis em lugar de prática de sexo entre homens. Segundo o autor, “public urinals were the most important *rendezvous* for men seeking sex with other men in nineteenth-century Paris” (ROSS, 2009: 75).

Assim, se por um lado a visibilidade externa tornava os urinóis facilmente reconhecíveis a qualquer passante, por outro era totalmente obscuro para cidadãos/ãs o que acontecia por trás de suas paredes. E mais: Ross explica que o uso destes locais para encontros e práticas de sexo entre homens desafiava o próprio entendimento dos administradores municipais acerca do efetivo controle (disciplinar) sobre a cidade. Não se tratava apenas de preconceito cultural arraigado contra as práticas eróticas de mesmo sexo, mas porque essas ilustravam como a (nova) cidade poderia ser apropriada para fins subversivos (talvez dissonantes, em palavras mais atuais) daqueles dos planejados.

Atualmente, nossos banheiros separados por sexo enfatizam um conceito de separação público-privado entre o que se designa por “mulheres” e por “homens”. Dessa forma, depreende-se que ao passo que banheiros femininos funcionam como santuário privado de feminilidade, os masculinos seriam extensão da natureza pública da masculinidade (hegemônica). Num trecho de sua importante pesquisa sobre masculinidades femininas, Judith (Jack) Halberstam (2008) ocupa-se com

a segregação de gêneros no que diz respeito aos espaços dos banheiros e às restrições imputadas aos mesmos. Para o autor, ao passo que em banheiros femininos predominariam “códigos de gênero”, nos masculinos vigorariam “códigos sexuais”. Salientará, em outras palavras, que “(...) el servicio de caballeros constituye tanto una arquitetura de vigilancia como una incitación al deseo, un espacio de interacción homosocial y de interacción homoerótica” (HALBERSTAM, 2008: 47), algo muito semelhante já salientado por Edelman (2011).

É nessa complexidade de questões que se assenta meu interesse, particularmente, nos vestiários das competições esportivas LGBT, não somente por serem espaços que fazem parte de tais eventos, mas sim pela dinâmica de desejos posta em prática pelos sujeitos, naquilo que chamo *erotização dos espaços esportivos*. Se por um lado, atletas LGBT em geral ressignificam de modo distinto estes espaços (por exemplo, erotizando-os), por outro, também reproduzem uma série de comportamentos assimilacionistas em relação aos mesmos, que são similares aos/às de atletas ditos “heterossexuais”. Deixo claro aqui dois apontamentos: a) não se trata de opor, simples e dicotomicamente, atletas homo/heterossexuais em suas impressões/sensações sobre os vestiários esportivos, mesmo porque elas são múltiplas e entrecortadas por distintos fatores, inclusive os das sexualidades; b) as próprias categorias sobre o que seriam os “homossexuais” e os “heterossexuais” são construções sociais (OLIVEIRA, 2004). Começo minha arqueologia das relações nestes espaços através de uma cena presenciada por mim, no vestiário da pista de atletismo do Estádio *Rheinenergie*, em Colônia (Alemanha), durante a oitava edição dos *Gay Games*, em 2010.

Após a prova de 5 km em que havia competido, e tendo chegado da prova bastante cansado, deitei-me em um banco de madeira do vestiário por alguns minutos a fim de relaxar. Logo resolvi tomar banho e, quando adentro a área das duchas, avisto, num primeiro plano e escondido atrás de uma mureta, a figura de um rapaz, vestido de jeans e jaqueta – roupas inapropriadas para aquele local – masturbando-se para uma cena de sexo que acontecia a uns cinco ou sete metros de distância, exatamente debaixo das duchas. Ao me identificar visualmente, tal sujeito ficou incomodado, e eu acabei desistindo do banho, porque decidi não interferir no que ocorria — apesar de ter ficado

alguns minutos tentando compreender o que se passava.

O que chama atenção é que a prática sexual em recintos de vestiário de troca de roupa – principalmente na área das duchas – é, em geral, rara, senão inexistente. Ao menos isso é o que argumentou John Alan Lee (1978: 140), quando mapeou o que designa como *ecosistema gay*: “Sexual attraction is rarely consummated in the shower room. The partners, having indicated mutual interest by the usual signs, such as reaching out to touch, or self-lathering to the point of erection, will move into a nearby toilet cubicle or return to a room”. As observações de Lee são, obviamente, datadas (anos 1960, nos EUA) e têm um ranço funcionalista da Escola de Chicago em nome de um behaviorismo social e interacionismo simbólico. Mas servem como dado interessante para a reflexão. Minhas observações etnográficas nos distintos espaços das competições esportivas LGBT, contudo, apontam noutra direção.

Mediante ao exposto, acredito que há mais desdobramentos possíveis e, por isso, lanço-me a eles através de uma indagação: é possível tomar os vestiários (masculinos) também como extensão da “natureza pública de uma masculinidade hegemônica”, que legitimaria os códigos sexuais e, portanto, incitaria práticas de sexo casual neste contexto homosocial?

Corpos suados, corpos excitados: Perscrutando relações “de dentro” dos vestiários

Enquanto crescemos, nossos olhares para corpos definidos, esguios, obesos, musculosos, senis, ou para genitais “estranhos”, pequenos ou avantajados, além de outros detalhes corporais (como quantidade/falta de pelos, formatos de mãos, tamanhos de pés ou de narizes, cumprimento de cabelos e afins) são – e sempre foram – orientados social e culturalmente. O ambiente esportivo fomenta esses tipos de atitude comparativa, da mais tenra idade à fase adulta. Basta que lembremos as práticas narcisistas de autoapreciação dos corpos em frente a espelhos, que são bastante notórias em academias de ginástica e de musculação, ou ainda da comparação do tamanho dos pênis, em mictórios coletivos, situação que acompanha o desenvolvimento de boa parte dos sujeitos do gênero masculino desde cedo. Nos vestiários, sejam eles de academias, clubes ou mesmo no ambiente de

uma competição esportiva, os corpos ficam muito mais expostos ao olhar do outro.

O vestiário esportivo é um local-chave nos encontros corpo-a-corpo entre os atletas durante competições esportivas. Ao ficarem nus ou seminus, eles/elas se expõem e partilham (mesmo sem querer), intimidades corporais. No caso dos sujeitos de minhas incursões etnográficas, tal temática aparece imiscuída a outras, ora mais às claras, ora completamente velada pelos discursos heteronormativos que, em funcionando como “oficiais”, delegam os desejos homoeróticos à esfera da “anormalidade” (PRONGER, 1990).

Nos depoimentos deles o local provocou comentários de “asco”, “nojo” ou desagrado em relação ao que lhe é inerente (roupas sujas, suor, esbarrões não desejados, mal cheiros, contato pele a pele) e ao que invoca (necessidade de limpeza), mas também trouxe relatos em que o vestiário figurou como lugar de fetiche (algo ligado ao desejo), fantasias, imaginação, potencialidade de encontro. Tentando explorar tais contradições discursivas e desejantes, busco discutir os vestiários como espaços-chave em suas constituições subjetivas:

Ah!... [pausa exclamativa], assim ó [pausa], é melhor jogar entre gays, né? Nos times de futebol normais a gente joga também, né. A gente é pau pra toda obra e quando estou jogando com hétero, meto a mão na bunda mesmo... hehehe [riso irônico]. Não tenho vergonha, não. E se me encarar, eu digo: ‘que foi, vai encará?’. E eles ficam com medo. (Entrevista com futebolista brasileiro, 05.08.2010).⁵

Brasileiro de 26 anos à época, “mulato”⁶ e jogador de futebol amador, vive na Dinamarca e se tornou meu colaborador em vários momentos da etnografia. Trouxeme, nesse curto fragmento, elementos para refletir como se constrói a categoria “masculinidade” dentro dos esportes (e, mais especificamente, dentro do futebol), em

5 Apesar de ter sido de comum acordo entre mim (pesquisador) e os interlocutores da pesquisa que siglas do nome/sobrenome nomeassem os entrevistados, preferi reconhecê-los aqui por seus esportes praticados.

6 Tais designações de “cor de pele” vêm entre aspas, pois chamo atenção para a “racialização” da subjetividade e, dessa forma, saliento a importância de desnaturalizar a própria categoria descritiva e identificatória para uma dimensão em que é percebida como orientadora e formadora de hierarquias e posições políticas entre sujeitos, como postula Judith Butler (1998).

competições específicas ou não. Por que, no limite, as nádegas seriam, ao mesmo tempo, o ponto de degradação do outro e de afirmação de uma heterossexualidade viril?

Tendo-o encontrado em vários campeonatos internacionais, percebi o quanto suas ações e opiniões estão influenciadas por seu imaginário sobre “o que é o futebol”, uma modalidade entendida como extremamente masculina e “masculinizadora”, referência a que Eric Anderson (2005) já havia reportado: o futebol é considerado globalmente como o esporte “mais masculino” e heterocentrado do mundo esportivo. E o “feminilizar” os companheiros de equipe é uma prática comum, usada no universo homosocial — nesse sentido, tanto entre homo quanto heterossexuais. Como expressa o antropólogo português Miguel Vale de Almeida, o costume de “feminilizar os outros” via

gestos de convite sexual que transformam a vítima em ‘mulher simbólica’, pelas brincadeiras que envolvem o apalpar dos traseiros, ou mesmo pela competição monetária, já que a capacidade econômica se associa ao lugar na hierarquia social e esta socorre-se da metáfora da dicotomia masculino/feminino e ativo/passivo (VALE DE ALMEIDA, 1995: 189).

Obviamente, tal futebolista referia-se a jogos de futebol no contexto das competições esportivas LGBT, no qual é comum o “dividir o campo e a bola” (termos seus) com outros atletas autodesignados heterossexuais. Isso ocorre algumas vezes, também em torneios internacionais, principalmente porque os atletas homossexuais não estão número suficiente para comporem equipes completas de futebol (mesmo na modalidade futsal, em que são requeridos apenas 5 jogadores para comporem uma equipe). Daí a presença de jogadores heterossexuais, em geral provindos de ligas esportivas convencionais.⁷

Apesar da aparente convivência pacífica em termos de aceitação sexual, o clima nos vestiários (e mesmo durante as contendias) não é tão tranquilo quanto se possa imaginar, segundo me trouxe tal futebolista. Alguns atletas homossexuais não compreendem bem a

7 Constatei tal “composição” na equipe dinamarquesa de handebol que jogava pela Pan Idraet (5 jogadores se autoproclamavam heterossexuais) e o time de futebol de Seattle (EUA), pelo relato dos jogadores, havia contratado um jogador heterossexual para ganhar uma etapa da liga de soccer regional norte-americana. (Dados de meus diários de campo, em 2009 e 2011).

participação dos heterossexuais e se colocam no campo do que eu nomearia *ambivalências conflituosas*, pois desejam estes corpos, mas condenam suas capacidades competitivas e a rivalidade por eles apresentadas.

Percebo que meu colaborador emascula seus parceiros de equipe: em sua opinião, se são homossexuais é “mais fácil jogar com eles”, pois são inábeis (ele é melhor!); e se são heterossexuais, o gesto de tocar/apalpar as nádegas feminiliza, subordina, deixando-os “menos eficientes” no gesto atlético (em comparação a ele!). Permito-me uma digressão a partir do que Roberto DaMatta (1997) escreveu, certa vez, sobre uma jocosidade entre adolescentes homens chamada “tem pente aí?”, em que os garotos apalpavam as nádegas dos colegas, insinuando buscar um pente para pentear os cabelos — numa época e em lugares onde tal prática cultural era desenvolvida entre os meninos. Tais gestos rituais, segundo o autor, eram destinados a moldar a “masculinidade” naquela época e conferir valores a áreas do corpo sagradas, como as nádegas (e o ânus, por extensão), zona exterior do masculino e símbolo da feminilidade, ou que atestava o inverso da masculinidade. Como ele explica acerca da brincadeira,

em primeiro lugar, chamava a atenção para aspectos ideais e valorizados da masculinidade; depois, falava de como o masculino era constituído; em seguida, punha à prova e risco essa macheza; e, finalmente, denunciava um lado obscuro e frágil, mas importantíssimo da masculinidade, colocando-a em dúvida e em crise, pois indicava graficamente os seus aspectos ocultos – seus segredos, suas dúvidas, dívidas e dificuldades (DAMATTA, 1997: 43).

Essa valorização do masculino e das áreas interditas desse corpo influencia, sobremaneira, o fetiche/desejo do jogador brasileiro em relação à própria prática sexual com outros sujeitos. Sua construção discursiva como uma “hipermasculinização” (BRAZ, 2007) aparenta que não há outros “machos” ao seu redor que se comparem a ele, e a separação entre “ativos e passivos” — a mesma que Peter Fry e Edward MacRae (1985) descreveram na cena homossexual brasileira nos anos 1970-80 — é bastante enfatizada e marcadamente assumida. Ele, certa vez, narrou-me uma cena de banho, num chuveiro de

vestiário, em que flagrou um atleta ao seu lado, com um pênis muito maior que o dele:

Daí eu tava lá e veio um cara assim ó [mostrou-me com as mãos cerca de 20 a 30 cm] com um ‘badalo’, maluco! Não, vou dizer uma coisa: eu gosto de pau, mas grande? [...] cê tá louco, ou o que? [riu jocosamente]. Nossa senhora, vou fazer o que com aquilo? Dá uma raiva desses caras com uma coisa grande dessas [risos]. Eu, heim? Vou dizer, viu [...] Tenho uma teoria: esses caras ‘varudos’ são tudo bichinha. Tem aquilo tudo, mas num come é ninguém. Tu não acha, não, heim maluco? (Entrevista com futebolista brasileiro, 05.08.2010)

Apesar de participar de competições LGBT no continente europeu, estar distante de casa (Brasil) e não dever satisfação a ninguém sobre sua sexualidade, esse jogador mantinha para si a “masculinidade hegemônica” (nos termos de CONNELL, 2005) como legitimadora do domínio cultural do masculino, hierarquizando e subvalorizando outras expressões que não esta. Ao meu ouvido menos ingênuo, ele se desdobrava na defesa de uma masculinidade mais ‘imaginária’ (ou imaginada, desejada) do que propriamente real. E essa *masculinidade imaginária*, que se aproxima muito do que Brian Pronger (1990) e Anderson (2005) designaram de “ortodoxa” (isto é, portadora de alto capital masculino), é constantemente ameaçada por duas situações em seu caso, segundo percebi: a) quando outro sujeito homossexual tem um pênis maior que o dele; e b) quando outro sujeito quer, decididamente, penetrá-lo⁸. Além disso, seu comportamento poderia ser classificado como intolerante (homofóbico, diriam alguns), claramente percebido pelos preconceitos dirigidos aos outros, ao redor de si.

Não é novidade que a arena esportiva é um das maiores instituições segregadoras de gênero nas sociedades complexo-moderno contemporâneas e que, em

8 Connell (2005) é uma teórica das mais citadas no estudo da “masculinidade hegemônica” no mundo. Ela usa o conceito de hegemonia, de Antonio Gramsci, referindo-se a uma dinâmica cultural através da qual um grupo postula e mantém uma posição de dominância na vida social frente a outros. Eric Anderson (2005), por sua vez, faz uma distinção funcional entre “masculinidade ortodoxa” e “hegemônica”: ter “masculinidade hegemônica” é atuar de “modo masculino” (tendo coragem, virilidade, assertividade, etc.) e apresentar características das formas masculinas dominantes, quais sejam, ser branco, hábil, heterossexual, atlético e atraente. Assim, para esse autor, “masculinidade ortodoxa” está contida na “hegemônica”.

decorrência disso, a intolerância (revestida de discursos homofóbicos) figure como um componente para a manutenção de seu *status* sexista e preconceituoso⁹. Os/As atletas vivenciam experiências de intimidade corporal quanto se vestem ou se despem em todos os momentos, nos espaços coletivos das competições, como já frisei. As relações de (homos)socialidade que se dão nestes ambientes (como os vestiários) edificam-se em meio à nudez, ao contato próximo e o foco é no corpo (do eu e do outro). Portanto, a homossexualidade declarada (masculina ou feminina) é tida como problema, uma vez que tais espaços são hetero-arquitetados.¹⁰

Se atletas homossexuais podem se superar e apresentar uma alta *performance* atlética nos esportes, pode-se dizer que desvelam a falácia sob a qual a “masculinidade” heterossexual é edificada. Seguindo esse raciocínio, Anderson (2005) salienta que a homofobia (seja velada ou explícita no discurso das instituições e dos sujeitos) é uma espécie de “remédio” contra a ameaça homossexual. Ironicamente, segundo ele, o esporte funcionaria como um meio onde os desejos pelos mesmos-sexos podem ser endereçados, acolhidos e aprofundados em ambientes homosociais.

No tocante a tais temáticas, e procurando estabelecer um substrato comparativo do discurso proveniente de outras modalidades, a entrevista que fiz com um mesatenista alemão (30 anos, “branco”, psicólogo) pode oferecer outras pistas sobre a “cultura do vestiário”:

Mesatenista alemão: Ontem, por exemplo, me senti estranho [*komisch*] no vestiário aqui da Faculdade de Esportes [de Colônia]. Já tinha notado no início da semana, mas não levei a sério. Achei o ambiente um pouco suspeito. Os rapazes me olharam de um modo diferente, não sei [...]

9 Não é meu objetivo aqui esgarçar o conceito de homofobia, mas colocá-lo como elemento contraposto aos prazeres instituídos e vividos pelos entrevistados. Para Pronger (1990: 198), homofobia “is the fear of the allure of the homoerotic paradox and its concomitant destruction of the orthodox myth of gender and the knowledge about oneself that would bring”. Por sua vez, Anderson (2005: 46) destaca: “Homophobia in all these forms presents itself as resistance against the intrusion of a gay subculture within sports and serves as a way of maintaining the rigidity of orthodox masculinity and patriarchy.”

10 Carmen Rial (1998) mostrou como os espaços coletivos (por exemplo, o “terceiro tempo”, no rugby, onde mulheres não participavam) eram importantes para o regozijo do grupo e das referências de gênero construídas coletivamente.

Pesquisador: como assim?

MA: Ah, não sei bem ao certo. Eu entrei para tomar banho; havia alguns caras lá [no vestiário]. Daí peguei minhas coisas e fui tomar banho. Eles me olharam como se eu não devesse estar ali. Então fiquei incomodado, mas nem comentei com ninguém. Deixei para lá.

P: Eles estavam queerizando [*queering*] o vestiário? [*Ri, tentando desconstrair a conversa*]. Quero dizer, estavam te olhando com desejo ou algo assim?

MA: não, eles não eram *gays*! Acho que eram todos atletas de alguma equipe da universidade daqui. Daí me lembrei de ter ouvido que os vestiários aqui da faculdade de esporte são bastante... [*pausa*], como você disse?

P: queerizados...

MA: sim, deve ser isso. Ouvi dizer que os caras que fazem esporte nos programas de treinamento daqui são atacados por *gays* nos chuveiros. Parece que os *gays* daqui são “agressivos” [*risos*]. Penso que eles acharam que eu era um *gay* que os atacaria, porque estamos na semana do *Gay Games*. Eu acredito nisso. Mas quando tomo banho nem penso em nada, apenas tomo o banho e saio. Acho que eles têm uma ideia errada dos *gays*. (Entrevista com mesatenista alemão, 04.08.2010).¹¹

Quando esse atleta reproduz a história das masculinidades heterossexuais sendo potencialmente “atacadas” no vestiário por uma sexualidade “perversa” (notadamente dissonante), no limite, fomenta o imbróglgio acerca da ameaça ao poder público da heterossexualidade (RICH, 1999). Mais do que a “masculinidade hegemônica”, era a “masculinidade ortodoxa” que estava, supostamente, em “perigo”, uma vez que, era o “elevado grau de capital masculino” que havia sido posto em dúvida com a presença de um suposto homossexual “perverso” na área dos chuveiros. Para Pronger (1990), então, existiria aí um “paradoxo homoerótico”, ou seja, ao mesmo tempo em que a cultura atlética fomenta a existência e a concentração de uma desejável masculinidade na atmosfera do vestiário, não consegue controlar o potencial imaginativo e o

11 Traduzi livremente do alemão, mas mantenho na língua original certos termos carregados de ênfase, como os que foram destacados no trecho. *komisch*, do alemão, é um adjetivo que significa algo estranho, bizarro, fora de lugar. E *queering sports*, no inglês, faz referência a um conceito da teoria queer aplicado ao contexto dos esportes, indagando se a existência de sujeitos “desviantes” no esporte poderiam “subverter” na norma esportiva instituída (ENG, 2006; WELLARD, 2006).

quantum de desejo que tal situação possa evocar. Por isso também, atos homofóbicos apareceriam como respostas por meio do afloramento das reações violentas ao “igual”.

Refletindo sobre esta situação narrada, caso os atletas heterossexuais fossem homofóbicos, duas considerações poderiam ser feitas: a) a existência de homossexuais no vestiário masculino não significa que haverá algum tipo de assédio sexual, e b) nem todo homossexual masculino tem os mesmos gostos que outros “iguais” a ele – pois os desejos se materializam (socialmente) de formas distintas – e, portanto, os sujeitos do vestiário poderiam não ser objetos de desejo. Dessa forma, se tais premissas forem consideradas, a existência de uma (homo)fobia explicitada nos olhares e nas expressões dos atletas seria despropositada e sem sentido.

Na verdade, no caso relatado está incorporada e incrustada uma forma de preconceito relativo à existência da homossexualidade em ambientes esportivos como os vestiários, costumeiramente hetero-arquitetados. Além disso, tal “reação” do grupo poderia estar relacionada com uma espécie de “pânico moral” (MISKOLCI, 2007) acerca da homossexualidade (e, em particular, o esportivo), como os rumores espalhados pela pequena cidade de Colônia, durante os jogos, de que “gays atacavam heterossexuais nas duchas da faculdade de esportes”.

Lauren Berlant e Michael Warner (1998) descortinaram as formas de privatização da cidadania e do sexo na sociedade norte-americana, por meio dos valores nostálgicos (e conservadores) da “família” contemporânea, e chamaram atenção como isso tem relação estrita com os modos pelos quais a vida nacional pública é organizada em torno do sexo. Portanto, a heteronormatividade torna a heterossexualidade coerente dentro da cultura.

Apesar de tratarem de um contexto sociocultural distinto (o estadunidense), há que se reconhecer que é via construção discursiva desse “sexo público” como modelo heteronormativo, edificador da “heterossexualidade compulsória” (RICH, 1999) e “espaço santificado” de um “comportamento imaculado” que as demais formas de sexo passam a ser condenadas e consideradas “abomináveis”, não apenas nos EUA, como em outras partes do mundo. Porém, como os autores abrem a consideração de que heteronormatividade e heterossexualidade não se equivalem, emerge a possibilidade de que nem todas as práticas heterossexuais estejam dentro de um marco heteronormativo.

A partir desta consideração, sugiro tomar o depoimento de outro alemão, corredor de longa distância, de provas de pista e de rua, “branco”, de 48 anos e também interlocutor de minha etnografia:

Corredor alemão: quando eu era bem jovem, as coisas eram diferentes entre os homens. Já te contei que quando era atleta [de atletismo] não me envolvia em sexo no vestiário, nem em pensamento. Mas muitas vezes havia uma [pausa] como vou dizer [*ficou sem jeito e riu*]... você vai dizer ‘que maluco, esse alemão!’

Pesquisador: pode dizer, estou ouvindo – exclamei.

CA: [...] uma masturbação coletiva. Nós ficávamos nos masturbando no chuveiro, principalmente depois do treino. Eu gostava desse momento e ríamos muito. Isso aconteceu comigo muito nos treinos ainda do colégio [*Hochschule*] e também algumas vezes depois.

P: mas creio que isso é bastante comum entre adolescentes, não?

CA: sim, sim, porque estamos descobrindo o mundo do sexo. O que quero dizer é que aquilo me causava angústia, ansiedade, e muitos outros sentimentos. Quando tinha 14 anos, era apaixonado por um garoto. E veja que coisa: depois fomos atletas juntos, durante muito tempo, e nunca nada se passou. (Entrevista com corredor alemão, 24.10.2010).

O relato do atleta sobre sua sexualidade juvenil no contexto do colégio, e em anos posteriores em que ele continuava sua trajetória esportiva, não é muito distinto de outros casos já considerados e que tão comumente nos chegam aos ouvidos. Anderson (2005) atesta tais práticas como ordinárias nas culturas homosociais no esporte. Heidi Eng (2006; 2008), por exemplo, citou um atleta homossexual no *closet* (ou armário da sexualidade), que participava de atividades heterossexuais *disruptivas* (ou não convencionais, semelhantes às citadas pelo corredor alemão), também no vestiário, contudo sem expressar seus sentimentos “românticos” e seus desejos de tocar e ser tocado pelos colegas. Para ela, “sexual activity outside discourses of romantic love is acceptable in male heterosexual sport contexts. This is an example of how mainstream sport culture can exist alongside gay, cruising culture” (ENG, 2006: 59). Por isso que a masturbação coletiva de que participava meu interlocutor coloca(va)-

se como socialmente aceita/praticada — ao menos nos rincões homosociais masculinos.

Esta autora norueguesa tem se preocupado, nos últimos tempos, com o que chama de “doing sex/sexuality in sport” (fazendo sexo/performatizando sexualidade no contexto esportivo) e se dedica a entrevistar atletas que se designam gays, lésbicas ou bissexuais, participantes do esporte convencional de competição de seus países de origem, e que atuam dentro do espaço constituído pela heteronorma esportiva. Sua principal preocupação é até que ponto a existência *queer* (termo que tomo aqui em tradução literal como estranho, desviante, dissonante) contribui ou não para a “queerização” (subversão) dos contextos esportivos em questão, algo que discuto em outras ocasiões (CAMARGO, 2012). Mostra também que tais atletas submetidos às normas heterossexuais do esporte vêem o território do vestiário como um local homosocial (porém não sexualizado), visto que nele as práticas sexuais são silenciadas ou ocorrem sob discursos de “normalidade”.

Aqui caberia uma crítica a Eng a partir da leitura de Judith Butler (2006), que ressalta que a heteronormatividade não apenas é imposta do exterior. Destacando duas observações importantes de Michel Foucault, ela argumenta:

1) el poder regulador no sólo actúa sobre un sujeto preexistente, sino también lavra y forma al sujeto; además, cada forma jurídica de poder tiene su efecto productivo; y 2) estar sujeto a un reglamento es también estar subjetivado por él, es decir, devenir como sujeto precisamente a través de la reglamentación (BUTLER, 2006: 68).

Ou seja, a heteronormatividade funciona como “poder regulador” que participa dos processos de subjetivação dos próprios sujeitos e se constitui, de outra parte, em relações de poder que materializam corpos como sexuados e generificados. É no campo concreto das práticas de poder que a divisão binária – masculino e feminino – se naturaliza e isso acontece devido à atualização dos dispositivos de saber-poder, tanto nas práticas sociais, quanto na materialização dos corpos e das subjetividades.

Nesse sentido não precisamos estar nas instituições de que tratou Foucault (escola, hospitais, prisão) para

depreender que o vestiário funciona como um espaço de “regulação” de corpos e produtor de subjetividades “obedientes”, consonantes com o mundo heterossexual (masculino). Por isso, o mesatenista alemão sentiu-se vigiado em suas condutas e corredor anteriormente mencionado, angustiava-se ao fazer algo que, mesmo pertinente aos seus desejos, socialmente não era aprovado. Os espaços esportivos relativos aos vestiários e banheiros¹², mesmo no formato de competições LGBT, também são segregados em masculinos e femininos, não havendo lugares específicos para sujeitos transgêneros/as, por exemplo.

No Campeonato Mundial *Out Games-2009 (II World OutGames-2009)*, enquanto mapeava o Complexo Aquático *Copenhagen Aqua Arena* em busca de entender como os espaços estavam estruturados pela organização da natação e mesmo como/onde poderia encontrar potenciais colaboradores para a etnografia, acabei entrando, sem muita dificuldade, no vestiário masculino, apesar de não estar como atleta inscrito naquela modalidade:

Entro por uma porta grande e vejo a primeira parte do vestiário da piscina. Provavelmente, o complexo aquático é recém-construído (ou reformado), visto que a pintura é nova e as pias, tubulações e mesmo os bancos para apoiar objetos são bem novos. As cores branco, bege e marrom compõem a paisagem, dando um ar de moderno ao local. Nessa peça do local encontrei alguns atletas se penteando, já totalmente trocados, sozinhos ou em grupos. Identifico os rapazes de Manchester; digo um ‘olá’ cortês. Na verdade, ouvi dizer que havia dois brasileiros nadadores, mas que não tinham competido pelo Brasil. Então queria achá-los. Uma porta no meio da parede é a ligação entre o primeiro e um segundo espaço, esse composto por armários sobrepostos, para que ali sejam deixadas roupas e documentos. Ali tinha um grupo rindo muito e alto. Por sorte,

12 Não diz respeito ao tópico em desenvolvimento, mas há na literatura análises acerca de práticas sexuais no espaço dos banheiros públicos. Designada como *tearoom trade* ou “acordo da sala de chá” (SIMON & BROOKS, 2009) ou, ainda, “banheirão” (JONES, 2011), ela é bastante comum em banheiros de estações rodoviárias ou ferroviárias, envolvendo um “protocolo complexo” de ações e favores sexuais a ser desenvolvidas apenas entre dois sujeitos (SILVERSTEIN & PICANO, 1992). Penetração (ou intercurso sexual) é uma prática rara no contexto do “banheirão” e, dependendo do local (cidade, estado e mesmo país), pode envolver prisão por atentado ao pudor (sobre esse aspecto, consultar SIMON & BROOKS, 2009).

encontro Pierre e os rapazes de Paris [*Fédération Sportive Gaie et Lesbienne – FSGL*]. Logo perguntei o que acontecia. Eles me contaram, em meio a gargalhadas, que havia uma ‘almôndega’ no chuveiro. Não entendi e quando procuro saber o que é, de fato, vejo um grupo de três caras transando na área das duchas. [...] (Diário de campo, 31.07.2009).

A cena do sexo grupal em si não me causou espanto, mesmo porque seu conteúdo erótico misturava algo de sarcasmo e comédia. O que talvez tivesse começado com certo erotismo despretensioso, acabou se tornando uma espécie de *show*, no qual os protagonistas da cena pornográfica sabiam que estavam sendo vistos (e pareciam se divertir também com aquilo). Ao contrário dos espaços esportivos heteronormativos convencionais, onde tal conduta talvez fosse veementemente condenada, lá acontecia de modo fluido e, percebi que, aqueles que não se sentiam à vontade ou que a reprovavam, simplesmente deixavam o local.

De volta a Foucault, é interessante destacar que as práticas disciplinares são práticas de regulação, através das quais cada sujeito figura como uma célula dentro de uma “microfísica do poder”, um ponto onde se cruzam efeitos das próprias relações de poder. Descrevendo o Panóptico de Bentham e seus estratégias, este autor diz:

Dispositivo importante, pois automatiza e desindividualiza o poder. Este tem seu princípio não tanto numa pessoa quanto numa certa distribuição concertada dos corpos, das superfícies, das luzes, dos olhares; numa aparelhagem cujos mecanismos internos produzem a relação na qual se encontram os indivíduos (FOUCAULT, 2004: 167).

Parte das questões que envolvem o vestiário e a homossexualidade está bastante balizada pelo segredo da sexualidade e pelo desejo. Há quem defenda que a atmosfera do vestiário esportivo funciona muito mais como fomentadora das fantasias do olhar/imaginar, do que propriamente do realizar/fazer (PRONGER, 1990; ANDERSON, 2005; ENG, 2006). E para ilustrar esse argumento, trago um depoimento de outro atleta, também brasileiro:

Sempre tomei banho com aquele guri. Às vezes nem tinha tempo direito para sair da natação e ir atender uma paciente, mas eu ia tomar banho. Precisava ver àquele corpo, sabe? Foram anos que fiquei no armário e durante todos eles, nadava e treinava bem pesado. O meu maior prazer era depois do treino. Ver o Ricardo tomar banho não tinha preço, *suspira maliciosamente*. Eu treinava por ele. Me matava na piscina para vê-lo, depois, durante poucos minutos, debaixo da ducha. E ele nem percebia. Às noites sonhava com ele, até... mas nunca rolou nada. Acho que se [ele] suspeitasse, quebrava minha cara. (Entrevista com nadador brasileiro, 02.08.2010).

O que ocorreu com tal atleta (50 anos, “branco”, nadador), nos vestiários da piscina do clube em que treinava natação, foi um sentimento que se desenvolveu no ambiente homosocial *par excellence* e nunca foi concretizado. A (homo)fobia do colega nadador só não foi disparada contra a explicitação de um desejo (homo) erótico, pois ele nunca fora identificado como *gay*. Para a realidade brasileira, esta é a camuflagem que muitos atletas homossexuais – notadamente “normalizados”, em termos de Miskolci (2011) – desenvolvem a fim de poderem sobreviver na selva de pedra das ‘masculinidades brutas’ brasileiras sendo, portanto e ao mesmo tempo, partícipes de apoiadores destas.

No Brasil, por ser o momento tenso devido a discussões acerca da homofobia em amplos espectros sociais, opiniões preconceituosas e discriminatórias (mesmo as típicas piadas sobre machismo e virilidade brasileiros) tendem a estar mais insufladas por discursos moralizantes e conservadores. O caso Michael, jogador da equipe Vôlei Futuro, pode ser ilustrativo desta argumentação.¹³

Para além destas questões, lanço a questão: o vestiário igualmente apresentaria um “potencial erótico”, que funcionaria como ‘armadilha do desejo’, independente

13 Em abril de 2011, num jogo entre as equipes Vôlei Futuro e Sada Cruzeiro, em Contagem (MG), a torcida se manifestou agressivamente contra um dos jogadores da equipe visitante, Michael dos Santos, que seria homossexual. Os chamamentos de “bicha”, claramente homofóbicos, provocaram polêmica e o caso teve grande repercussão nacional e internacional (ALGREN, 2011). Devido ao ocorrido, Michael precisou se manifestar a respeito e confirmou, publicamente, seu coming out (SPINA, 2011). O Sada Cruzeiro foi punido com multa e, no jogo seguinte, a equipe de Michel estava vestida com as cores do arco-íris e a torcida da casa (Araçatuba) com balões e faixas de apoio.

das orientações sexuais? Em sua vasta pesquisa com estudantes colegiais, esportistas universitários e atletas profissionais, Pronger (1990) encontrou dados para afirmar que tal “potencial” geraria respostas genitais-sexuais (como ereções penianas) no ambiente comum do vestiário, mesmo num clima de não erotização. O que podem ser reações fisiológicas para alguns, para ele esse efeito desencadeado é produto de uma “imaginação homoerótica latente”, e os homens autodenominados heterossexuais conscientes dela podem executar violentos comportamentos homofóbicos de negação da mesma, a fim de afastar qualquer suspeita de homossexualidade sobre si.

No entanto, se práticas veladas ou silenciosas — conforme designou Foucault (1985) — prevalecem e atos sexuais ocasionalmente acontecem, isso se caracterizaria como o “paradoxo homoerótico” (PRONGER, 1990) e participaria da “rotina paradoxal do vestiário”, a qual criaria um espaço seguro e permissivo — no qual coabitariam graus distintos de ortodoxia de ações heteronormativas masculinistas — coadunadas a práticas desejantes homossexuais dos sujeitos. Reinariam, assim, “múltiplos silêncios” que possibilitam a existência de gays (e outros sujeitos não-heterossexuais) no ambiente esportivo convencional. De outra forma, se deflagrada outra condição que não esta, tais figuras dissonantes apareceriam como caricatas, “desviantes”, “monstruosas”, “anormais” aos olhos heterocentros (FOUCAULT, 2001).

O que me parece interessante pensar sobre as práticas sexuais na área dos vestiários e das duchas de competições LGBT (particularmente nas etnografadas por mim) é a mistura entre pornografia e erotismo, bem como a “tolerância” ou “aceitação” das situações narradas, como se fizessem parte, costumeiramente, do *métier* esportivo. Como possibilidades finais de reflexão a partir do próximo tópico, procuro refletir em torno do olhar pornográfico e do voyeurismo erótico estabelecido nos *locker rooms*.

Por uma “etnografia dos/nos vestiários” esportivos: algumas notas finais

Situações vivenciadas em vestiários poderiam evocar o erótico e o pornográfico, componentes de uma relação provocadora, que incitaria a “vontade de

saber” sobre o proibido, o não acessível, como o sexo e a “sexualidade em marcha” do *outro*. Tanto um aspecto quanto outro (e mesmo o próprio *voyeurismo*) — aparecem envoltos pelo segredo, por algo que é secreto, pelo interdito — ao menos nos espaços de trocas de roupas, em competições esportivas. Por isso, suscitam fascínio e despertam transgressão. Aqui se pode lembrar o “caso Lisa Olson”, uma premiada jornalista esportiva estadunidense, que durante a temporada de 1990 do futebol americano, decidiu desvendar a rotina dos atletas do *New England Patriots*, a partir de suas relações sociais dentro do vestiário. Ela acabou sendo assediada sexualmente pelos atletas, o que gerou um caso judicial e o reaparecimento das discussões em torno da decisão da Suprema Corte Federal Norte-americana a respeito da presença de mulheres em vestiários esportivos masculinos (RICCHIARDI, 2005).¹⁴ Tal caso é paradigmático para pensar que ainda há espaços masculinos intocáveis, verdadeiros rincões sagrados, que não podem ser acessados por outros agentes que não aqueles legitimados.¹⁵

Voltando ao olhar perscrutador e desejante por saber sobre a sexualidade do outro, talvez seja possível pensar a pornografia e o erotismo como conceitos simultaneamente distintos, porém interligados. De acordo com Nuno Abreu (1996), eles transitariam

14 Lisa Olson trabalhava para o jornal *The Boston Herald* e construiu sua reputação conseguindo bons e inusitados furos de reportagem. Sua ideia à época era entrevistar alguns jogadores do *New England Patriots* dentro do “espaço sagrado” do vestiário masculino. Tal atitude, tomada como invasiva por alguns atletas, provocou reações. Segundo Thomas George (1990) ela foi assediada verbalmente por Zeke Mowatt, que balançou seu genital oferecendo-o a ela. Robert Perryman fez o mesmo em outro momento, enquanto Olson estava de costas. Micheal Timpson gargalhava jocosamente durante o incidente. O clube foi punido com multa de US\$ 50 mil e os atletas também, porém com valores menores. De acordo com Ricchardi (2005), Olson recebeu ameaças dos torcedores e teve a casa assaltada. As ameaças iminentes causaram sua transferência para a Austrália a fim de trabalhar na sucursal do jornal americano, o *Sydney Daily Telegraph Mirror*. De lá moveu uma ação por danos morais contra o *Patriots* de US\$ 250 mil. Retornou oito anos mais tarde para os EUA e ainda sofreu perseguição de fãs obcecados com o ocorrido.

15 Aqui poderíamos entender essa categoria do “sagrado” de duas formas: a) o vestiário como espaço “sagrado”, reservado e ritualizado por gênero — como é o terceiro tempo no Rugby, onde tradicionalmente só homens participam das confraternizações pós-jogo (SAOUTER, 2003; RIAL, 1998); e b) o vestiário como local “sagrado” numa acepção religiosa, ou seja, um lugar de ritualização de preces e orações pré-jogo (RIAL, 2012). Em minha opinião, as fronteiras entre sagrado/profano são difusas no tocante aos vestiários.

(...) sempre em terreno marcado pelas contradições, um território não-determinado, uma fronteira entre situações opostas, a tensão entre polaridades. (...) Essa impossibilidade de traçar limites precisos entre o erótico e o pornográfico é (...) sinal de sensatez e um bom ponto de partida, tendo em vista às contradições, o jogo semântico que cerca o uso social dessas palavras, a forma dialética como a história tem tratado do assunto (ABREU, 1996: 11).

Mais do que definir tais conceitos ou ater-se à abrangência de atuação de cada um, instigante talvez seja permanecer num jogo pendular das imprecisões. Carlos Gerbase (2006) chama de “falsas”, as fronteiras arbitrariamente imputadas entre erótico e pornográfico, destacando que, no campo do cinema, por exemplo, a separação entre tais termos é mais instrumental do que conceitual. Para esse autor a separação entre uma produção cinematográfica erótica e uma pornográfica é apenas um recurso de mercado, que “deveria ajudar o espectador a escolher o filme mais adequado ao seu gosto e evitar enganos ou constrangimentos” (GERBASE, 2006: 39). Portanto, ele a abomina, propondo uma aproximação com a estética artística, re-humanizando o sexo e refilmando o erotismo.

De fronteiras indiscerníveis e imprecisas, retornando aos argumentos de Abreu (1996), os conceitos não dependem das mensagens enviadas, mas da recepção dessas, do que é aceitável ou inadmissível pelo(s) receptor(es) delas.

Portanto, para os atletas de minha pesquisa que participaram de/observaram situações eróticas e/ou pornográficas, explícitas ou insinuativas, em ambientes esportivos (bem como eu, pesquisador, em dados momentos, também tive acesso a elas), o “estar dentro” (participante) ou o “estar fora” (observador) de tais cenas desvela a pornografia como um elemento veiculador do obsceno — ou como registra Abreu (1996: 19), ela “[...] exibe o que deveria estar oculto. Espaço do proibido, do interdito, daquilo que não deveria ser exposto. A sexualidade fora do lugar”. Ao erotismo, tais situações dentro/fora trariam os desafios da ultrapassagem dos limites, dos excessos, dos transbordamentos do/de prazer e da própria condição humana. A articulação entre erótico e transgressão estaria no que Georges Bataille (1987)

define como erotismo: “A passagem do estado normal ao de desejo erótico supõe em nós a dissolução relativa do ser constituído na ordem descontínua” (BATAILLE, 1987: 16-17)¹⁶.

O enigmático é que, nas situações trazidas aqui, mesmo os atos sexuais tendo sido identificados por terceiros, não causaram constrangimento em quem deles participava, ou muito menos, deixaram de acontecer por causa de um *olhar voyeur* estabelecido. As práticas sexuais no ambiente do vestiário, mesmo nos bastidores das competições LGBT, são apreciadas como produto interdito, “fruto proibido”, que quando consumido, dispara uma sensação de transgressão, de prazer, estabelecendo, assim, uma relação simbólica com aqueles que o consomem. Daí, portanto, as fantasias dos sujeitos e seus imaginários acerca do esporte como fomentador dos encontros sexuais (mas também possivelmente amorosos, por que não?) elevam-se a enésima potência, multiplicando as chances do consumo do “esporte LGBT” ser dado via uma “mercadoria sexual”, amplamente desejada e consumida.

Para aqueles que observam tais situações do ponto de vista *voyeur* o ato sexual nos espaços dos vestiários oferece ao olhar espectador algo que, por definição, está ausente do próprio olhar. Este “espectador-*voyeur*” — em termo proferido por Abreu (1996) — está vendo o que não está presente e nem está interessado apenas em observar. De acordo com Pierre LeVenly *apud* Abreu (1996), “o objeto de desejo do *voyeur* não é o que ele observa, mas o seu próprio prazer” (ABREU, 1996: 183). Isto poderia sugerir que o real objeto de desejo seria o próprio prazer do sujeito, ou seja, sua própria excitação.

Partindo do que foi trazido sobre a explicitação da(s) sexualidade(s) em meios esportivos como vestiários e banheiros, penso que uma hipótese se coloca nas entrelinhas: em que medida se poderia afirmar que há um regozijo coletivo no fomento e na manutenção de tais espaços esportivos, baseando-se numa espécie “guetificação esportiva sexual”?¹⁷.

16 Como se sabe, Georges Bataille propõe uma ligação entre violência e êxtase erótico. No intróito de seu livro anuncia o que parece ser a hipótese a ser testada: “Do erotismo é possível dizer que ele é a aprovação da vida até na morte.” (BATAILLE, 1987: 11).

17 Hipótese trabalhada por mim em Camargo e Rial (2011), mas não desenvolvida aqui.

Se, historicamente, a sexualidade fora construída em segredo e a história do segredo permanece no armário da sexualidade, como afirmou Eve Kosofsky Sedgwick (2007), o que ocorre particularmente no vestiário esportivo LGBT também participa de um segredo único, peculiar, que é dividido apenas quando há um pacto entre àqueles envolvidos nele e os que dele são “autorizados” a participar, no caso, os “espectadores-voyeur”. E, por acontecerem em um ambiente de práticas esportivas exclusivas (ou sectárias) em uma sociedade heteronormativa, tais atos são legitimados, porém, curiosamente, silenciados.

Talvez para melhor interpretar tais práticas erótico-pornográficas seria imprescindível sugerir uma “etnografia dos/nos vestiários”, uma perscrutação intensiva desses/nesses locais, no sentido de tentar compreender as práticas homosociais comuns relacionadas aos corpos nus/seminus e às expectativas (ou ausência delas) dentro destes locais (e também dentro de banheiros, por extensão), mesmo em competições supostamente “heterossexuais”.

Referências bibliográficas

- ABREU, Nuno Cesar. (1996). “Estética e Marketing: dar na vista”. In: *O Olhar Pornô: a representação do obscuro no cinema e no vídeo*. Campinas: Mercado de Letras. pp. 93-134.
- ALGREN, Matt. Brazil Stadium turns pink after faggots chants shock community. (2011). Disponível em: <http://blog.mattalgren.com/2011/04/brazil-stadium-turns-pink-after-faggot-chants-shock-community/>. Acesso em 11 maio 2011.
- ANDERSON, Eric. (2005). *In the Game: gay athletes and the cult of masculinity*. New York: State University of New York Press.
- BATAILLE, Georges. (1987). *O Erotismo*. Trad. Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM.
- BERLANT, Lauren and WARNER, Michael. (1998). Sex in Public. *Critical Inquiry*, Vol. 24, No. 2, Intimacy, winter issue, pp. 547-566.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. (2007). “Macho versus macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo”. In: *Cadernos Pagu*, n. 28, pp. 175-206.
- BUTLER, Judith. (1998). “Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do ‘pós-modernismo’”. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, pp. 11-42.
- _____. (2003). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____. (2006). “El reglamento del género”. In: *Deshacer el Género*. Barcelona: Paidós, pp. 67-88.
- CAMARGO, Wagner Xavier de. (2012). *Circulando entre práticas esportivas e sexuais: etnografia em competições esportivas mundiais LGBTs*. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 380 p.
- CONNELL, Robert W. (2005). *Masculinities*. 2nd Edition. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.
- DAMATTA, Roberto. (1997). “‘Tem pente aí?’ Reflexões sobre a identidade masculina”. In: CALDAS, Dário. *Homens*. São Paulo: SENAC. pp. 31-49.
- EDELMAN, Lee. (2011). “Banheiro dos homens”. In: PENTEADO, Fernando Marques & GATTI, José. *Masculinidades: teoria, crítica e artes*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, pp. 255-268.
- ENG, Heidi. (2006). “Queer athletes and queering in sport”. In: CAUDWELL, Jayne (org.). *Sport, Sexualities and Queer/Theory*. London/New York: Routledge. pp. 49-61.
- _____. (2008). “Doing Sexuality in Sport”. *Journal of Homosexuality*. v. 54 (1/2). pp. 103-123.
- FRANCO, Fernando de Freitas. (2011). “Práticas de olhar e organização espacial: revisitando os vestiários do YMCA de Montreal”. *II Seminário Enlaçando Sexualidades*. Salvador, set/2011.
- FOUCAULT, Michel. (2004). *Vigiar e punir: nascimento*

- da prisão. 28ª edição. Rio de Janeiro: Vozes.
- _____. (2001). *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes.
- FRY, Peter & MACRAE, Edward. (1985). *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense.
- GEORGE, Thomas. (1990). Patriots and 3 Players Fined in Olson Incident. The New York Times. Disponível em: < <http://www.nytimes.com/1990/11/28/sports/patriots-and-3-players-fined-in-olson-incident.html>>, acesso em 29 mar 2012.
- GERBASE, Carlos. (2006). “Imagens do sexo: as falsas fronteiras do erótico com o pornográfico”. In: *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, n. 31, dez/2006, pp. 39-46.
- GRIFFIN, Pat. (1998). “The culture of the closet: identity-management strategies of lesbian college coaches and athletes”. In: GRIFFIN, Pat. *Strong women, deep closets: lesbian and homophobia in Sports*. Champaign: Human Kinetics. pp. 133-156.
- HALBERSTAM, Judith. (2008). “Una introducción a la masculinidad femenina. Masculinidad sin hombres”. In: HALBERSTAM, Judith. *Masculinidad Femenina*. Trad. Javier Sáez. Madrid: Egales Editorial. pp. 23-66.
- JONES, William E. (2011). “Caça às Bruxas no Banheiro”. In: PENTEADO, Fernando Marques & GATTI, José. *Masculinidades: teoria, crítica e artes*. São Paulo: Estação das Letras e Cores. pp. 241-254.
- LEE, John Alan. (2011). “Tearrooms”. In: LEE, John Alan. *Getting Sex. A new approach: more fun, less guilt*. Don Mills: Musson Book Company. pp. 128-141.
- MARCUS, George. (1995). “Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography”. *Annual Review Anthropology*, v. 24, pp. 95-117.
- MISKOLCI, Richard. (2011). Aula magna: O Desafio de um Currículo Queer. Vídeo-aula postada na internet. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=HbYbPCwMjZg>>. Acesso em 18/ago/2011.
- _____. (2007). “Pânicos Morais e Controle Social: Reflexões sobre o Casamento Gay”. In: *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 28, pp. 101-128.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo. (2004). *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG.
- PLUMMER, David. (1999). *One of the boys: masculinity, homophobia, and modern manhood*. New York: Harrington Park Press.
- PRONGER, Brian. (2000). “Homosexuality and Sport: who’s winning?”. In: MCJAY, Jim *et al.* *Masculinities, gender relations, and sport*. London: Sage. pp. 222-244.
- _____. (1990). “Sex and Sport”. In: PRONGER, Brian. *The Arena of Masculinity. Sports, homosexuality, and the meaning of sex*. New York: St Martin’s Press. pp. 177-213.
- RIAL, Carmen Silvia. (2012). “Banal religiosity: Brazilian athletes as new missionaries of the neo-Pentecostal diaspora”. *Vibrant* (Florianópolis), v. 9, pp. 128-159.
- _____. (1998). “Rugbi e Judô: esporte e masculinidade”. In: PEDRO, Joana & GROSSI, Miriam. (Org.). *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Mulheres. Texto original (sem edição). pp. 01-20.
- RICCHIARDI, Sherry. (2005). “Offensive Interference”. In: *American Journalist Review* (online), jan/dec 2005. pp.1-7. Disponível em: < <http://www.ajr.org/Article.asp?id=3788>>. Acesso em 29/mar/2012.
- ROSS, Andrew Israel. (2009). “Dirty Desire: the uses and misuses of public urinals in Nineteenth-Century Paris”. In: *The Berkeley Journal of Sociology: a critical review*. v. 53, pp. 62-88.
- SAOUTER, Anne. (2003). “A mãe e a prostituta: os

homens, as mulheres e o rugby”. In: *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. 9, n. 2, mai/ago, pp. 37-52.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. (2007). “A epistemologia do armário”. In: *Cadernos Pagu*. Campinas, v. 1, n. 28, jan-jun, pp. 19-54.

SILVERSTEIN, Charles & PICANO, Felice. (1992). *The new joy of gay sex*. New York: Harper Perennial.

SIMON, Rita J. & BROOKS, Alison. (2009). *Gay and Lesbian Communities: the world over*. New York: Lexington Books.

SPINA, Ricardo. (2011). Árbitro não relata homofobia a jogador do Vôlei Futuro e CBV aguarda decisão do STJD. Disponível em: < <http://esporte.uol.com.br/volei/ultimas-noticias/2011/04/05/arbitro-nao-relata-homofobia-a-jogador-do-volei-futuro-e-cbv-aguarda-decisao-do-stjd.jhtm>>. Acesso em 20/maio/2011.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. (1995). *Senhores de Si*. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade. Lisboa: Fim de Século.

WARNER, Michael. (1991). “Introduction: Fear of a Queer Planet”. In: *Social Text*, 9 (4 [29]), pp. 3-17.

WELLARD, Ian. “Exploring the limits of queer and sport: gay men playing tennis”. In: CAUDWELL, Jayne (Org.). *Sport, sexualities and queer/theory*. London: Routledge. pp. 76-89.